

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

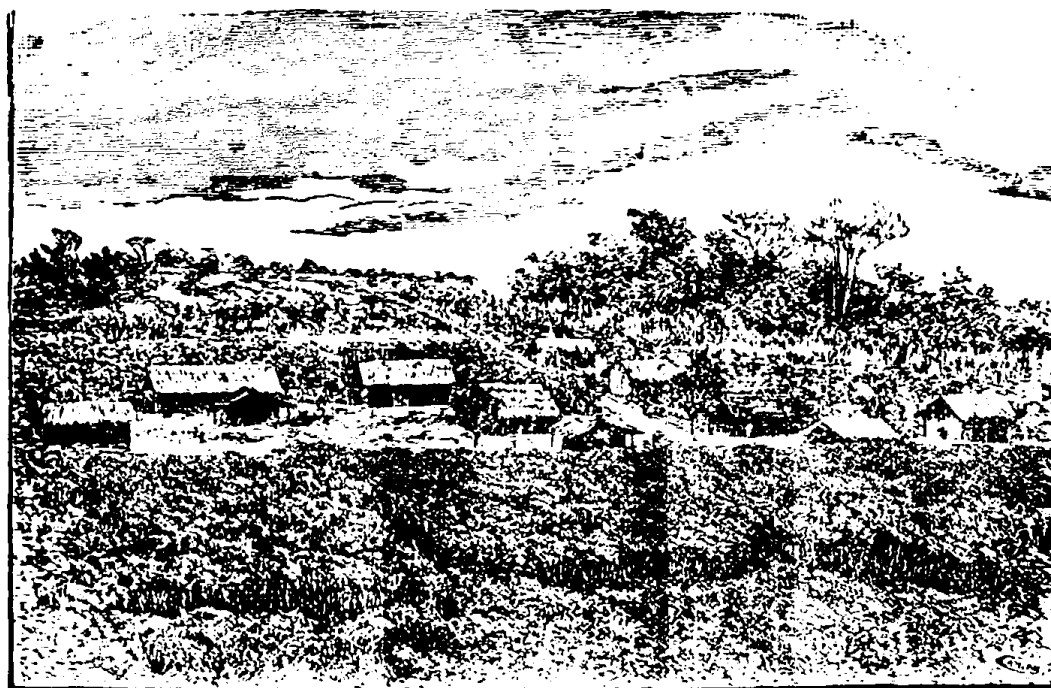
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Carta Encyclica do Nosso Sancto Padre Leão XIII.*—Secção Religiosa: *Gottas de balsamo; Uma esmola por amor de Deus.*—Secção Critica: *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.; *Irmãs Hospitaleiras*, por E. I.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *Um dever*, por D. M. M. Retrospecto, por F.—Variedades: *Sancta Catharina.*

Gravuras: *Aldea christã na missão de Lândana; Beato João Juvenal Anolina.*



ALDEIA CHRISTÃ NA MISSÃO DE LÂNDANA

EXPEDIENTE

Os nossos Assignantes do BRAZIL podem mandar a importancia de suas assignaturas (35200 rs. fracos, ou 45000 rs. sendo da edição de luxo) ao Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Dr. José Gil Vaz—rua do Amparo, n.º 1—OLINDA.

Os Assignantes da INDIA podem satisfazer ao R.^{mo} Capellão do Collegio de Nossa Senhora da Piedade, em PAN GIM—GOA.

Os srs. Assignantes que no anno futuro desejem a nossa Revista em papel de luxo, dignem-se prevenir-nos antes de 15 de dezembro, aliás não poderemos attender a suas reclamações. Isto não se refere aos que já a recebem em papel de luxo, pois d'estes intendemos continuarmos do mesmo modo.

A ADMINISTRAÇÃO.

CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANTO PADRE

LEÃO XIII

Aos nossos veneraveis irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico, em graça e communhão com a Sé Apostolica.

Do Rosario da Virgem Maria

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos,
saude e benção Apostolica

I.—Valor do Rosario em todos os tempos

o approximar-se o mez d'outubro, dedicado e consagrado à Bemaventurada Virgem do Rosario, lembramo-Nos gratamente com que solicitude nos annos precedentes, vos recomendamos, Veneraveis Irmãos, que por toda a parte excitasseis com vosso zelo e auctoridade os rebanhos dos fleis a redobramos piedade para com a augusta Mãe de Deus, auxiliadora poderosissima do povo christão, a dirigirem-lhe por todo este mez supplicas fervorosas, e invocarem-na mediante o sanctissimo culto do Rosario, do qual em todo o tempo se tem a Egreja valido com vantagem, mórmente nos tempos de provação e de crise.

Praz-nos de novo exprimir-vos este anno a Nossa mesma intenção e dirigir-vos ainda com nova insistencia Nossas exhortações; por que a isso Nos vemos

impellido pelo zelo da Egreja, cujas provações, em vez de diminuirem, augmenta cada vez mais em numero e gravidade.

II.—Males contemporaneos

Deploramos males que todos conhecem: os dogmas sacrosanctos que a Egreja guarda e ensina, estão sendo combatidos e menosprezados; objecto de escarneo a integridade das virtudes christãs que ella protege; de muitas maneiras se machina por meio da inveja o ataque á sagrada Ordem dos Bispos, e designadamente ao Pontífice Romano, e até contra o mesmo Christo se tem feito violencia com impudicissima audacia e maldade abominavel, como se intentassem apagar e destruir completamente a obra divina da Redempção, que todavia força alguma jamais apagará nem destruirá. Estas coisas não são certamente novas para a Egreja militante, a qual, segundo Jesus prophetisou aos Apostolos, ha de estar sempre em lucta e peleja continua para ensinar a verdade aos homens e conduzi-los á salvação eterna, e a qual realmente combate valorosa até o martyrio por todas as vicissitudes dos seculos, sem que se alegre nem glorie de nada mais senão de poder misturar o seu com o sangue de seu Auctor, continuando-se assim a conhecidissima esperança da victoria que lhe foi prometida.

III.—Tristeza dos filhos da Egreja

Não se pôde comtudo negar quam grande tristeza acarreta a todo o melhor esta continua attitude de peleja. Porque é, na verdade, causa de não pequena tristeza, vêr que ha por um lado muitos a quem a perversidade dos erros e a rebeldia contra Deus os extraviam para muito longe e os conduzem ao precipicio; e, por outro lado, muitos que chamaudo-se indifferentes por qualquer fórma de religião, parece que se despiram da fé divina; e, finalmente, não poucos catholicos que apenas o nome conservam da Religião, sem que na realidade a guardem nem cumpram as obrigações devidas. Além d'isto, o que mais profundamente angustia e atormenta a Nossa alma, é pensar que tam lamentavel aggravação dos males procede principalmente de que no governo dos Estados, ou não se concede logar algum á Egreja, ou se repelle o auxilio devido á sua salutar influencia; no que se manifesta a grande e justa ira de Deus vingador, que permite caíam em uma miseravel cegueira de intendimento as nações que d'Elle se apartam.

IV.—Quanto importa orar; valor da oração

Assim é, que isto mesmo clama, e clama cada dia com mais vehemencia, que é inteiramente necessario que os catholicos dirijam a Deus, confiados, perseverantes, sem descanso (1), supplicas e orações, e isto não sómente cada um em particular, senão que convém que o façam com a maior publicidade, congregados nos sagrados templos, para que Deus providentissimo livre a Egreja dos homens importunos e mds (2), e com a luz e a caridade de Christo restitua as nações pervertidas á sanctidade e sabedoria. Coisa, na verdade, admiravel e superior á fé humana! O seculo prosegue no seu caminho de trabalho, confiado em suas riquezas, em sua força, em suas armas e em seu engenho; a Egreja percorre o tempo com passo firme e seguro, confiada unicamente em Deus; a quem, noite e dia, levanta com suas preces os olhos e as mãos. Porque ella, ainda quando prudentemente não desprese os demais auxilios humanos que com a providencia de Deus o tempo lhe depara, não põe a sua principal esperança n'elles, senão essencialmente em suas orações, supplicas e rogos a Deus. D'aqui alcança o meio de alimentar e robustecer o seu espirito de vida, porque felizmente, por sua constancia em orar, consegue admirar e assimilar-se tranquillamente, livre das vicissitudes das coisas humanas, e em perpetua união com a divina intelligencia, a mesma vida de Christo Nosso Senhor, quasi á semilhança do mesmo Christo, ao qual de maneira alguma diminue e tira um apice de sua beatissima luz e propria bemaventurança a crueldade dos supplicios que padeceu para nosso bem commum.

Estes grandes documentos da sabedoria christã foram sempre religiosamente observados e venerados por quantos professaram com digno valor o nome christão, e as supplicas d'estes a Deus eram maiores e mais frequentes quando, por virtude dos trabalhos e violencia dos homens perversissimos, sobrevinha alguma calamidade á Egreja ou ao seu supremo Gerarcha. Insigne exemplo d'isto deram os fleis da primitiva Egreja, e muito digno de ser imitado por todos os que haviam de succeder-lhes pelo tempo adiante. Pedro, Vigario de Jesus Christo Senhor Nosso, Soberano Pontífice da Egreja, achava-se por ordem do cruel Herodes no carcere e destinado a uma morte certa, e em parte nenhuma tinha socorro nem auxilio para escapar. Mas

(1) I. Thess. V. 17.

(2) Thess. III—2.

não lhe faltava aquelle genero de auxilio que de Deus alcança a sancta oração, posto que, segundo refere a divina historia, a Igreja fizesse por elle fervorosas supplicas. *Oratio autem si bat sine intermissione ab ecclesia ad Deum pro eo* (1), e com tanto mais ardor se dedicavam todos á oração, quanto mais duramente os angustiava o cuidado de tanto mal. E' sabido o exito que tiveram os votos dos que oravam, e o povo christão celebra sempre com alegre recordação a milagrosa liberdade de Pedro.

V.—O exemplo de Christo incita-nos a orar

Mas deu Jesus Christo exemplo mais insigne e divino, com o qual a sua Igreja aprendesse e formasse a sanctidade, não sómente com os preceitos senão tambem com o proprio procedimento. Porque Elle mesmo, que toda a sua vida havia orado tão repetida e largamente, ao chegarem as suas ultimas horas, quando cheia a sua alma de immensa amargura no horto de Gethsemani desfallecia ante a morte, em tão não sómente orava a seu Pae senão que *prolixius orabat* (2). E não o fez para si, que, sendo Deus, nada temia nem de nada necessitava, senão que o fez por nós, e felo pela sua Igreja, cujas futuras preces e lagrimas já então as tornava fecundas em graça, recebendo-as com agrado e benevolencia.

E quando pelo Mystério da Cruz se consummou a Redempção do genero humano, e foi fundada e construida formalmente na terra a Igreja por christo triumphante, desde esse tempo começou e prevaleceu para o novo povo uma nova ordem de Deus providente.

VI.—Maria intercessora

Convém escutar os conselhos divinos com grande piedade. Querendo o Filho de Deus Eterno tomar a natureza humana para redempção e gloria do homem, e havendo de estabelecer certo laço mystico com todo o genero humano, não o fez sem primeiro haver obtido o liberrimo consentimento da designada para sua Mãe, a qual de certo modo representava a personalidade do mesmo genero humano, segundo aquella illustre e verdadeira sentença de Santo Thomaz de Aquino: *Per annuntiationem expectabatur consensus Virginis loco totius humanae naturae*; d'onde verdadeira e propriamente se pôde affirmar que d'aquelle grandissimo thesouro de todas as graças que o Senhor trouxe, posto que *gratia et veritas per*

Jesus Christum facta est, nada, absolutamente nada se nos concede, segundo a vontade de Deus, senão por Maria; de sorte que assim como ninguem pôde chegar ao Pae Supremo seuão pelo Filho, quasi do mesmo modo ninguem pôde chegar a Christo senão pela Mãe. —Que grande sabedoria e misericordia resplandec: n'este conselho de Deus! Que conveniencia para a fraqueza e debilidadade do homem! Porque infinita cremos e veneramos a justiça d'Aquelle cuja bondade cremos e louvamos como infinita, e tememos como juiz inexoravel Aquelle a quem amamos como conservador amantissimo, prodigo de seu sangue e de sua vida; deprehendendo se d'estes factos que é inteiramente necessario para os afflictos um intercessor e patrono que disfructe de tanto favor para com Deus e seja de tanta bondade de animo, que não regeite o patrocínio de ninguem, por desesperado que esteja, e que leve a vante aos afflictos e caidos com a esperanza da clemencia divina. E esta mesma é a preclarissima Maria, poderosa em verdade como Mãe de Deus, mas, o que é mais, doce, terna, amabilissima e indulgentissima. Tal nota a deu Deus, pois do mesmo modo que o elegeram para Mãe de seu Filho unigenito, assim tambem a dotou completamente de sentimentos maternas, que não respiram senão amor e perdão: tal a annunciou da Cruz, quando na pessoa de João, seu discipulo, lhe commetteu o cuidado e o amparo de todo o genero humano: tal finalmente se offereceu ella mesma, que havendo recebido com grande valor aquella herança de immenso trabalho legada pelo Filho moribundo, immediatamete começou a exercitar em todos, seus officios maternas.

Já desde o principio conheceram com grande alegria os Santos Apostolos e os primitivos fleis este conselho da misericordia tão querida, instituido divinamente em Maria e ratificado no testamento de Christo; conheceram n'ó tambem e eusinaram n'ó os veneraveis Padres da Igreja e todos os membros da grey christã o confirmaram em todo o tempo, e isto ainda quando faltassem acerca d'elle toda a classe de recordações e de escriptos, posto que fala com muita perfeição certa voz que nasce do peito de todos os homens christãos. Porque não de outra parte senão da fé divina nasce que nós sejamos conduzidos e arrebatados placidissimamente por certo prepotente impulso para Maria; que nada seja mais antigo nem mais desejado que cubicarmos, sob a tutella e amparo d'Aquelle a quem confiamos plenamente nossos pensamentos e obras, a nossa integridade e penitencia, as nossas angustias e gozos, as

nossas supplicas e votos e todas as nossas cousas; que todos tenham uma consoladora esperanza e confiança em que quantas cousas sejam offerecidas por nós indignos como menos gratas a Deus, essas mesmas se tornarão sumamente agradaveis e bem acolhidas, encommendando-as a Sua Mãe Santissima. E assim como a alma recebe grande consolação com a verdade e suavidade d'estas cousas, motivo do tristeza são para ella os que, carecendo da fé divina, não reconhecem nem temem a Maria por sua mãe, e ainda mais para lamentar é a miseria d'aquelles que, sendo participes da santa fé, se atrevem a vituperar os bens pelo repetido e prolixo culto que tributam a Maria, com o que offendem grandemente a piedade que é propria dos filhos.

VII.—Recorramos ao patrocínio de Maria

Por esta tempestade de males, com que a Igreja é asperamente combatida, todos os seus piedosos filhos reconhecem o santo dever em que se acham de supplicar a Deus com mais vehemencia, e a razão porque principalmente se hão de esforçar em que as mesmas supplicas tenham maior efficacia. Seguindo o exemplo de nossos religiosissimos paes e antepassados, recorramos a Maria, Nossa Senhora, invoquemos a Maria, Mãe de Jesus Christo e nossa, e concordemos supliquemos: *Monstra te essa matrem, sumat per te preces qui pro nobis natus, tulit esse tuus*.

VIII.—Recorramos a Maria pelo Rosario

Ora, como entre as varias fórmas e meios de honrar a Divina Mãe hão de ser preferidas aquelles que sabemos serem mais poderosas em si mesmos e mais agradaveis á mesma Senhora, apraz nos indicar o Rosario e inculcá-lo com especial cuidado. Vulgarmentes deuse o nome de *corôa* a este modo de rezar, pela razão de reunir por felizes laços os grandes mysterios de Jesus e de sua Mãe, as alegrias, as dôres e os triumphos. E se os fleis meditarem ordenadamente e com piedosa consideração esses augustos mysterios, que maravilhoso auxilio podem obter, quer para fomentar a fé e defendel-a do contagio dos erros, quer para levantar e manter o vigor de sua alma!

Com effeito, o pensamento e a memoria do que assim ora, allumiados pela luz da fé, enlevam-se com gratissimo entusiasmo n'aquelles mysterios; e flúxos e contemplativos n'elles não se cansam de admirar a obra ineffavel da redempção humana, realitada por tão elevado preço e por uma serie de tão

(1) Act. XII, 5.

(2) Luc. XXII, 48.

excellentes factos. A alma inflamma se então em amor e reconhecimento perante estes signaes da caridade divina; confirma e augmenta a esperança, ávida excitada por essas recompensas celestes, preparadas por Jesus Christo para aquelles que se tiverem unido a Elle, seguindo o seu exemplo e participando das suas dôres. E essa oração transmittida pela Igreja, consta de palavras dictadas pelo mesmo Deus ao archanjo Gabriel; a qual, cheia de louvores e de votos de salvação, continua da e repetida n'uma ordem uniforme e variada. alcança tambem novos e doces fructos de piedade.

(Conclue.)

SECÇÃO RELIGIOSA

Gottas de balsamo

COM frequencia recorreis ao sacramento da penitencia para que alli Jesus vos purifique mais e mais das manchas de vossa alma. Tereis porém recorrido a este sacramento com as disposições que elle exige? Ora taes condições podem reduzir-se a tres: contricção verdadeira, proposito firme de não mais peccar, e uma confissão franca e sincera. E' certo que muitos christãos não colhem fructo d'este salutar sacramento por falta de contricção, visto não se darem ao cuidado de a excitar fervorosamente, e pedirem-na a Deus, o só competente para a dar. Não é menos certo descurarem os christãos applicar a este sacramento um proposito firme de fugir o peccado e todas as occasiões proximas que a elle possam induzir (1). E no entanto, sem contricção e um proposito firme não é possível o perdão. Ainda outros occultam suas faltas no sancto tribunal, e acham assim a morte no que fôra preparado para restituir-lhes a vida. Evitai vos aconteça similhante desgraça, e dispõe de vos sempre, com zelo e cuidado, para a recepção do sacramento da penitencia, receosos de que o abuso d'elle vos torne mais criminosos. So brevido, não occulteis vossas faltas nem vos contamine a vergonha de confessal-as a quem é vivo representante do Salvador (2). Não vos tolheu a ver

(1) Ad pedes confessoris rarus est qui peniteat prout debet. (S. THOM. a VILLAROV., *Serm. in Dom. IV Quar.*)

(2) Non confundaris confiteri peccata tua (Eccl., v, 31)—Heu! cur erubescis confiteri quod facere nequaquam erubisti. (S. ACO., lib. II, cap. 5, de *Visit. Infirmorum.*)—Cur te pudet peccatum tuum dicere, quem non puduit facere... O perversitas! non pudet iniquari, et abluí pudet! (S. BERNAUD., *Epist.* 185.)

gonha para commetterdes o peccado, ha de vir agora impedir-vos a confissão d'elle? Não é antes uma gloria manifestar que se procedeu mal (3)? Pensai que um momento de confusão na presença d'um homem, vos alcançará a graça do perdão e a corôa da immortalidade. Pensai ainda que se não revelardes vosso delicto, Deus terá de o publicar deante do mundo inteiro no dia do juizo. Que vergonha então para vós (4)!

Uma esmola por amor de Deus

Snr. Redactor do «Progresso Catholico».

A Superiora das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas e toda a Congregação pedem a V. a caridade de fazer inserir no seu muito lido e acreditado jornal o apello que abaixo va e escripto, ou como V. melhor entender, agradecendo desde já a sua publicação, assim como todas as palavras que V. tem publicado em nossa defeza.

* * *

Vivendo da caridade publica a Congregação das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas, que nenhum pezo faz ao Estado e bastantes serviços tem prestado, quer no continente quer no ultramar, acha-se na impossibilidade de poder acudir ás enormes despesas do monstruoso processo que sem provas reaes lhes moveu, na pessoa de nossa Irmã Collecta, a imprensa maçonica e republicana, cujo fim unico é destruir esta Congregação, legalmente authorisada pelo governo de Sua Magestade Fidelissima.

Recorremos á generosidade de todos os bons Portuguezes que ainda no seu coração conservam a lembrança de Deus, pedindo-lhe a sua esmola para occorrer ás despesas do referido processo.

Deus tambem pediu e na Hora

(3) Confunderis et erubescis confiteri peccata? Confusio est peccare, non vero peccata confiteri. (S. CHRYS., de *Poenit. et Confes.*)

(4) Si tu non revelaberis peccatum tuum, revelabitur a Deo. (S. THOM. a VILLAROV., *Serm. in Fer. 6 post. Dom. IV Quar.*) *Ne peccatum confitori graveris, ut per hujus ritus.*

Extrema disse a seu Eterno Pae:—*Meu Deus—Meu Deus porque me desamparastes?* tambem a Congregação das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas pede aos bons Portuguezes que as não desamparem n'esta occasião no meio dos seus algozes.

N'esta redacção se recebe todo e qualquer donativo por diminuto que seja.

SECÇÃO CRITICA

A educação e os exames officiaes

(Continuado do n.º 16)

«Dê-se o ensino mas não se lancem peias ao estudo».

(Relatorio do conselho do lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

Não é sem espanto que um espirito reflectido pode contemplar hoje o tetrico quadro das contradicções liberaes. Como é que proclamando o liberalismo a emancipação absoluta do homem, em quem reconhece como prerogativas essenciaes a *liberdade de consciencia, a liberdade de pensamento, a liberdade de imprensa*, etc. etc... outorga todavia ao Estado o *monopolio do ensino*? «Uma das maximas fundamentaes do governo popular ou legitimo, escreve Rousseau, é que a educação publica pertence ao Estado, a quem assiste o direito não só de dirigil-a, mas de ministral-a, pelos seus magistrados.» Ora, liberdade absoluta e monopolio imprescindivel! como é que estas duas antinomias se coadunam e enlaçam amigavelmente no credo liberal? Como succede que tam flagrantes contradicções achem cabimento nos mesmos espiritos, de modo que não sómente estes as acolhem com a maior facilidade, mas até não duvidam patrocional-as e defendel-as afoutamente sem que o rubor lhes cubra as faces? A solução philosophica d'este enigma exigiria largas considerações, baseadas nas falsas doutrinas do *Contracto social* de Rousseau, codigo fundamental das theorias modernas, relativas ao governo, que fazem do Estado pae de familia universal. «Existe um pae de familia que os comprehende a todos: é o Estado» disse Ferry n'um discurso pronunciado em Paris em 1879. Observaremos por ora apenas o seguinte: embora estivessem os liberaes oppositos em principio á liberdade d'ensino, por isso que consideram o Estado como o *proprietario e pas universal*, &

Entidade Suprema, ou como disse Hegel, a *Substancia geral de que os individuos são apenas accidentes ou modos*; todavia, na pratica, não recusaram conceder esta liberdade, se não vissem no monopolio da instrucção um instrumento poderosissimo de dominação. De varios modos se vão introduzindo com effeito nas sociedades modernas a tyraonia dos imperantes e a escravidão dos subditos: é primeiro pela *centralisação* de todos os poderes nas mãos d'um pequenissimo numero de homens, ou do Estado, d'onde procede a turba muita dos *empregados publicos*; vem em segundo lugar o *militarismo*, que põe milhares ou milhões de homens, a flôr da mocidade, uma nação inteira ás ordens d'um individuo ou d'um parlamento. Ora que vêm a ser de facto, afoal de contas, um militar ou um empregado publico? São meros escravos, com farda ou sem ella, obrigados a uma obediencia passiva e incondicional. Apesar d'estes dois poderosos meios de dominação, subtrahia se porém ao despotismo do Estado moderno a maior parte dos cidadãos; tornava-se pois indispensavel uma rede mais ampla, capaz de os abranger a todos; inventou-se então o monopolio do ensino. O *terceiro* meio de dominação é na verdade um lance real: colhe de vez todas as intelligencias juvenis da classe illustrada, que serão os cidadãos influentes de amanhã, e juntamente com os filhos ficam tambem capturados os paes. Estes, de facto, insligados e como que coagidos pelo amor paterno, vêem se na dura e triste necessidade de sujeitar-se a todos os caprichos dos imperantes. Se o não fazem, ai dos caros penhores do seu coração! não esperem para elles empregos rendosos nem dignidades apreciaveis: fi carão sendo uns párias sem ruino nem arrumo. D'ahi a coacção moral que induz os paes a consentir que o Estado ensine aos filhos as doutrinas que lhe apraz, lhes amolde o coração a seu bel-prazer, os sujeite a todos os caprichos.

Oh requinte da astucia! Oh arma formidavel nas mãos do Estado!

Facilmente se comprehende o que acima insinuamos: o monopolio do Ensino é nas mãos do Estado o maior meio de dominação, o ensino official é uma escola de escravaria.

Não são porém só os paes e os filhos da classe illustrada que permanecem na dependencia absoluta do Estado; cumpre observar que o despotismo do Estado enlaça tambem na sua rede traçoieira todo o corpo *docente* da nação; desde os humildes mestre-escolas, que ensinam rudimentos, até aos brilhantes e laureados cathedraicos das universidades e cursos superiores, todos ficam na dependencia absoluta

d'um ministro, que pode ser bem pouco illustrado. Impõe-lhe este a seu talante, programmas, regulamentos, horarios, etc., etc.; todos hão de obedecer cegamente, sob pena de se verem suspensos ou despedidos.

Que triste e aviltante situação!

Na verdade está sendo a sciencia muito favorecida pelo Estado liberal! Entoai hymnos à liberdade, ó sabios modernos; mas, repotreamo vos nas vossas cathedras ostentosas, obedecereis servilmente ás prescripções que baixarem das secretarias do Estado, obra talvez d'um reles amanuense qualquer!

Será porém em compensação este estado de cousas muito favoravel ao progresso e desinvolvimento das lettras e sciencias? De modo algum; succede exactamente o contrario, como o está demonstrando uma triste experiencia.

Assim o asseverou na sessão da Academia das sciencias de Paris a 13 de março de 1881 M. Dumas, chimico distinctissimo, cuja auctoridade é por certo irrecusavel. «Antes da Revolução de 1789 as Universidades francezas eram independentes, como o são hoje as de outros paizes; ora, o systema adoptado entre nós, desde ha uns sessenta annos, para o regimen do ensino superior, constitue uma causa permanente de decadencia e enfraquecimento que cumpre remediar prompta e energeticamente.» E porque razão? «Por isso que responde o sabio, *não convem que todos os estabelecimentos d'instrucção estejam sujeitos ao mesmo regimen, aos mesmos programmas; não convem que todos recebam d'um centro commum o movimento intellectual e os recursos materiaes.* Diversas nas suas origens e tendências, na Suissa, Suecia, Alemanha, Inglaterra e Estados-Unidos, as Universidades prosperam alli, graças à sua autonomia e ás condições de vida própria que possuem, offerecendo ao observador um espectáculo cheio de interesse.» Depois de condemnada assim a pedagogia revolucionaria, o illustre critico conclue dizendo: «Restituamos às nossas Universidades a independencia de que gozavam antes da revolução, vigiando-as todavia e subvencionando-as se fôr preciso. Os grandes homens que aquella epocha viu surgir são outros tantos testemunhos perante a historia da robustez dos estudos e do vigor disciplinar do ensino livre dos nossos paes.»

Por outro lado Mr. Henri Sainte-Claire Deville attribue à superioridade do ensino na Allemanha a derrota dos francezes em 1870. «A causa da nossa infelicidade jaz no *regimen que nos está esmagando ha oitenta annos, regimen que subordina os homens da sciencia aos da politica* e administração, regimen que faz sejam tractados os nego-

cios da sciencia, sua propagação, ensino e applicação por corporações, ou antes por *secretarias*, destituídas de competencia e zelo pelo progresso.» (1)

Sim, todo o homem imparcial deve confessar-o: a subordinação do ensino ao Estado é um mal immenso e uma causa fatal de decadencia, pela simples razão que o progresso das sciencias exige nos professores como condições absolutas a independencia, e por tanto a responsabilidade, a emulação e o zelo, elementos que desaparecem com a ingerencia ou monopolio do Estado.

No louvavel intuito de obstar a estas deploraveis consequencias o Estado tem prodigalizado privilegios e regalias aos seus professores; o mal porém é tam profundo e radical, que esses mesmos privilegios servem apenas para agravalo.

Fel-os vitalicios, remunera os largamente, quer que sejam juizes supremos dos proprios alumnos e dos alheios, garante-lhes na velhice uma honrosa aposentação etc. . . . mas tantas vantagens, bem longe de fomentarem a emulação, o zelo, e o progresso, são outros tantos factores negativos que provocam mais prompta e fatal decadencia.

Por mais que se faça, por mais reformas que se elaborem, as corporações do ensino subordinadas ao Estado nunca passarão de entidades sem força productiva, ou, se quizerem, serão sempre uns cadaveres galvanizadas, porque *não tendo a vida em si recebem o movimento d'um motor externo*, e esse movimento ficticio reduz se a um mero formalismo; sendo automatadas, hão de proceder necessariamente como automatadas. O escopo supremo do ensino deixa de ser a acquisição da sciencia para visar unicamente aos signaes d'ella, que são os grãos e diplomas. Assim o entendeu o conselho do lyceu nacional de Lisboa, que em sessão de 15 de dezembro de 1869 escrevia: «Em regra tudo o que não é livre é mau; e a instrucção para ser proveitosa deve ser ministrada à feição da vontade que não é senão a manifestação das disposições da intelligencia.» Tal era tambem o modo de pensar do conselheiro Henrique Midosi, cujo voto em separado sobre a reforma do ensino em 1869 reza assim: «Para o futuro não haverá para o ensino das disciplinas que constituem a instrucção secundaria geral estabelecimento algum mantido pelo Estado. As escolas superiores e as profissionaes nomearão os jursys para os exames de habilitação nas materias de instrucção secundaria, que forem exigidas nos respectivos regulamentos para a ma-

(1) *De l'intervention de l'academie dans les questions générales de l'organisation scientifique.*

trricula em cursos que n'essas escholas se professarem...»

Muito bem; os juizes do ensino primario encontram-se naturalmente na corporação do ensino secundario e os d'este nas escholas superiores. O estado moderno transtornou a ordem natural das cousas pela sua ingerencia despótica no ensino, e qual será a consequencia d'esse deploravel transtorno? O celebre Midas, consoante affirma a fabula, transformara em ouro todas as cousas em que tinha as mãos. O liberalismo transmuda-as... em lodo.

(Continua)

O ex-alumno do lyceu J. A. R.



Irmãs Hospitaleiras

N^o outra parte da nossa Revista vai uma petição d'essas heroínas da caridade que, pobres como são, tem enchido Portugal de tantos beneficios, que só corações petrificados como os dos redactores do *Seculo*, e seus estultos imitadores, podem desconhecer e muito menos embaraçar.

A' fé, o *Seculo* ha de arrepender-se do crime infando em que se abysmou: atirou a lama do mais ignobil insulto contra uma instituição innocente, abençoada pelo céu e rodeada dos affeitos acrysolados e vehementes de milhões de almas nobres. O *Seculo* é hoje apontado em toda a parte como o inimigo mais insidioso e traidor da nação portugueza, digno de que a historia justiceira o marque com mais candente sinete que o *inculpido eternamente* na memoria de Fernão de Magalhães, Christovão de Moura e Miguel de Vasconcelos, Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho.

Infames que aggridem senhoras sem culpa, cuja divina missão se desinvolve na esphera de instruir a infancia, amparar a velhice, acudir com sacrificio da vida propria a todas as miserias que se abrigam nos hospitaes, e elevar preces a Deus com mente e coração puros, infames d'estes, dizemos, hão de, em presença da luz civilisadora que hoje nos brilha, atrahir sobre si mais negro labeo que o lançado sobre a memoria dos verdugos que nos primeiros tempos do christianismo fizeram tantos milhões de martyres.

Com o seu proceder anti-christão, anti-patriotico, anti-humano, archiselvagem e archimaçonico, a si mesmo o *Seculo* se lavra o mais ignominioso epitaphio.

Hoje é já vergonha e descredito tomar-se em qualquer parte aquelle papel nauseabundo. Quando alguém se

descuida a exhibil-o em publico, pres-tes em roda se forma um grupo estu-pecto, acoimando de herege e mação o estouvado que se não peja de pôr mãos em podridão d'aquella especie.

E' certo: o *Seculo*, que julgou Portugal tam degenerado como elle, começa a conhecer que o numero dos corruptos e corruptas é por ora diminuto, que os seus interesses soffreram um detrimento grave, que o peccado commettido contra as boas Irmãs o aperta por todos os lados como as serpes de Lao conte.

Entretanto, a victima innocente continúa encarcerada, alquebrada pela doença, as noites mal dormidas, sem que uma voz amiga, voz de suas irmãs, ve nha segredar-lhe uma palavra de resignação e conforto.

Leitoras, leitores, ouvi attentamente a voz supplicante da Superiora d'aquellas sanctas que por todas as povoações do nosso reino vedes, no meio de arduos sacrificios, applicarem-se a fazer o bem, e respondei-lhe consoante o sentimento de vosso coração christãmente magnanimo.

E. I.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A Perfidia do demagogo.—E' este o romance que o *Progresso Catholico* vai publicando em supplemento.

Sabemos de uns poucos leitores des-afieçoados d'esta especie de litteratura, sem que de modo algum lhes leve-mos a mal o sentir, porque, a sermos franco, tambem não somos dos apaixonados. Observamos porém que o romance corrente possui condições de agradar e encantar a todos. Desinvolve com admiravel talento um factio historico, de perto relacionado com essa guerra de gigantes, que no fim do se-culo passado os catholicos da Bretanha, de Anjou, da Normandia, do Maine e do Poitou, sustentaram com resignação de martyres e valor de heroes, contra a primeira republica franceza, depois que ella decapitou o innocente rei Luiz XVI, extorquiu os bens do clero avaliados em cento e cincoenta milhões e os dos hospitaes que rendiam trinta milhões, supprimiu todas as ordens religiosas, mandou deportar o clero ou assassinal-o pelos sicarios de Robespierre, Santerre, Danton, Manuel e Pouthion, fechou todos os templos do reino e prescreveu de vez a religião catholica. E' firme sentir nosso que os vindouros hão de venerar milhares de martyres, d'entre os soldados valerosos que generosamente derramaram seu sangue n'esta guerra, sacrificando-se por uma das mais nobres causas, que vingaria por certo, se não fôra a

desproporção das forças e o proceder dos principes estrangeiros que da Belgica e Allemanha enviaram contra elles quarenta e cinco mil soldados.

A Perfidia do demagogo é pois um dos mais interessantes episodios d'esta epocha de sangue, e nenhum assignante reputará mal empregado o tempo gasto em sua leitura.

No concernente ao esmero escrupuloso da versão, basta ser ella da pena primorosa do talentoso poeta o sr. Mattos Ferreira, um tam paciente e habilissimo esmerilhador das bellezas da lingua patria, que bom fôra suas forças lhe dessem mais oportunidade para augmentar o já agora valioso thesouro de seus admiraveis trabalhos.

Em cada pagina da obra não minguarão pois importantes conhecimentos historicos revelados em linguagem de finissimo quilate.

R.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Beato João Ancina

(Vid. p. 239)

A GRAVURA da p. 239 merece a contemplação dos leitores. E' teima de impios, n'esta epocha (e em todas as mais) estabelecer incompatibilidades entre a sciencia e a virtude: para uns taes, sabio apenas o é quem tenha rabulice de sobra para es-curecer os fulgores da verdade com os fumos densos da mentira. Pois nós que advogamos a verdade e houveramos por grande mercê do céu dar a vida por ella, affirmamos que a virtude e a sciencia se alliam irmãmente, como obras do mesmo auctor. Entre muitos, o beato Ancina é modelo de sciencia e sanctidade. De origem hespanhola, nasceu todavia na Italia, em Fossano, em 1545. Ainda joven, estudou as sciencias e a poesia em Montpellier, distinguindo-se na medicina, faculdade alli muito bem conceituada. De Montpellier passou a Mandovi para cursar theologia, ordenou-se e veiu a ser um fervoroso e exemplar religioso de S. Philippe Neri. Tanto brilhavam o talento e a virtude no modesto oratoriano que foi eleito bispo de Saluzzo, em cuja alta dignidade patenteou a sua principal virtude—uma inextinguivel caridade, com que soube acudir ás miserias dos povos sujeitos ao seu paternal governo. Toda a privação alheia era uma angustia do virtuoso prelado: onde apparecesse a fome e a nudez, surgia logo a mão do veneravel Ancina, que pessoalmente procurava a penuria para por sua propria mão a remediar.

Ancina foi contemporaneo de S. Fran-



BEATO JOÃO JUVENAL ANCINA

cisco de Sales e seu amigo predilecto. intender fosse esta a lingua mais fa- bléa ficou devéras maravilhada. Ao Veiu visital o um dia o sancto bispo de miliar ao auditorio. Mas enquanto, no sair da egreja, o bispo Ancina disse Genebra em occasião que Ancina feste- um do exordio, recitava a *Ave Maria*, para o eximio prégador, n'um compri- java o seu padroeiro S. Juvenal. Ancina o bispo Ancina mandou prevenil- o de mento allusivo ao seu nome: *Tu vere* convidou a prégar na solemnidade a que o povo comprehendia melhor o *sal es*. «É realmente o sal da terra.» tam distincto hospede, recordando-lhe. francez, por ter sido aquelle marque- Ao que o sancto respondeu por equal- diz Perennès, o antigo uso estabelecido, zado possuido muito tempo pela Fran- teor: *Tu sal et lux es* (1), *ego vero* entre os bispos de uns prégarem na- ça e sómente ha pouco reunido ao *neque sal neque lux*. diocese dos outros, quando lhes faziam Piemonte. O sermão continuou em visita. Subiu pois o sancto ao pulpito, francez com tanta abundancia de dou- (1) Allusão ao nome da diocese de Sa- principiando a falar em italiano, por trina e celestial unccão que a assem- luzzo.

O veneravel Ancina falleceu em 1604, invocando, segundo é fama, por um malvado a quem havia reprehendido as irregularidades de sua vida. Deixou um poema em latim, em honra da universidade de Mandovi, e a *Academia subalpina* publicou um resumo de odes e poesias diversas, em latim e italiano, devidas á penna d'este egregio prelado.

A sua beatificação, realisada no começo do anno de 1890, assistiram comissões de varias casas oratorianas dispersas em muitas regiões do globo.

R.

Aldéa Christá

(Vid. n.º antecedente p. 225)

SECÇÃO NECROLOGICA



Em Ancede findou sua peregrinação terrena D. Leonor Adelaide Lobo d'Avila, esposa do catholico sincero e escriptor distinctissimo, sr. D. Miguel Sotto Mayor. Nos tempos difficultos em que vamos, tam asados a perturbar a felicidade domestica, sempre a intrepida senhora lidou por que ao santuario da familia não chegasse a onda destruidora da descrença contemporanea. Foi um compendio de virtules realçadas pela sancta resignação com que de continuo levava os padecimentos que a torturavam.

—Na Covilhã, com 32 annos de idade, falleceu Francisco da Costa e Oliveira Pinto, sem lhe valerem os cuidados assíduos de dois medicos assistentes, nem o vigor dos annos, nem os carinhos extremos de tres irmãos que o idolatravam. Varias promessas foram feitas implorando a conservação d'aquella vida preciosa, mas Deus, em seus altissimos designios, havia-lhe decretado outra de mais valor. Falleceu confortado com todos os sacramentos e com a serenidade e resignação heroica d'um justo.

—Em Vianna do Castello, victima d'um terrivel desastre (indo a acudir a um carroiro, cujos bois corriam perigo, foi colhido por uma pedra enorme que lhe quebrou uma perna) falleceu o professor de latim do lyceu. José Joaquim Martius de Lima, deixando viuva e filhos. A desgraça perseguia este nosso bondoso amigo: em 75 ou 76 uma onda traiçoeira envolveu-o

na praia do Cabedello, salvando-se elle como por milagre. Em 85, no Porto quando alli estava a examar, para evitar descer o accidentado declivio d'uma rua em construcção, tomou o muro de suporte feito ao ludo, mas ao chegar ao meio, onde a altura, para um e outro lado, era superior a 7 metros, saltou o muro e uma vertigem que por pouco não despenhava fatalmente.

Ilja Deus encontrado dignas de misericordia as almas d'estas pessoas queridas, para as quaes supplicamos empenhadamente as orações de todos os nossos leitores, e a cujas familias enviamos a expressão do nosso pèame.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

UM DEVER

(Ao meu inolvidavel amigo Padre Manuel Alves Meireis)

A hora é calma e doce; dos espaços sobre a urna do valle resacendente a lua solta a onda transparente; em paz os céos e a terra dão-se os braços.

O somno longo e bom os membros lassos aos homens retempera effizientemente... a alma pura fragrancia no ambiente pelas auras deixada após seus passos.

Vai na asinhaga um vulto... Por tal hora, quem assim tanta vir na solidão os echos despertar, será quem chora

o caminho que perderna? Mas ah! não; é o padre que em fadiga, por 'hi fóra, vai dar a um moribundo a extrema-unção.

D. M. M.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—SS. MM., em seu anniversario, indultaram mais de duzentas praças que nas colonias africanas cumpriam degredo pelo crime de 31 de janeiro. Os republicanos não agradeceram a régia mercê por lhes não vir na medida de seus desejos nem consoante a logica por que se regem, pois affirmam *una voce*, agora que estão debaixo, que não são crimes as revoltas politicas. Mas quando por desgraça agarram o poder, logo toda a revolta é considerada crime, perseguido com o rigor d'um despotismo feroz, no que vem a parar a moral d'estes impollutos, cujas apparencias singularmente

beatas illudem ainda muitos innocentes, d'estes em quem a innocencia e a insipiencia se irmanam cordealmente.

A imprensa dá se á faina de desvendar dia a dia as ladroeiras realisadas em varias repartições do Estado, sem que a ellas haja posto impedimento o regimen d'essas mesmas repartições ou a congenie de inspectores ordinarios e extraordinarios que n'ellas superintendem. O direito sem a moral é um corpo sem alma, e o illustre visconde d'Almeida Garrett conheceu a fundo o liberalismo quando affirmou que se reduzia a duas coisas, *dividir e destruir* por principio, *adquirir e enriquecer* por fim. (O italico pertence ao Auctor.)

Noticia consoladora para todos os catholicos é a do projecto d'um concilio nacional, ou ao menos da reunião d'alguns prelados, talvez em novembro proximo, na capital, sob presidencia do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha. Alli se tractará da questão do ensino nos seminarios, do desinvolvimento da imprensa catholica, da questão operaria e das necessidades particulares de cada diocese. O edificio de Sancta Martha parece o escolhido para residencia de varios prelados.

O dia em que isto seja uma realidade, alegria notavel sentirá todo o peito verdadeiramente christão.

* * *

Italia.—Bem se dizia em nosso ultimo numero que as peregrinações ao Vaticano perturbam o somno dos invasores piemontezes, assás conhecedores de que as sympathias ao Pontífice equivalem a severas reprovações de seu proceder leonino. Desprovido o Papa do poder temporal, contavam os inimigos da Igreja vel o abandonado de seus súditos como um Childerico III, um Carlos o Gordo, um Frederico II, um Adolpho de Nassau, ou um Sancho Capello. Não foi, não havia de ser assim. Só a cegueira do crime podia de tal sorte intontecer os invasores, para se não lembrarem da experiencia dada ao mundo nas luctas, e ainda nas palavras de Napoleão I, quando affirmou: *Ha no meu seculo um padre mais poderoso que eu, porque tem avassallado os espiritos, enquanto eu domino apenas sobre a materia*. Pois este mesmo padre, que assombrou a gloria do grande batallador, assombra ainda a do pequeno rei do Piemonte, cuja gloria não sabemos qual é. A *alma*, como ainda por outra vez disse Napoleão, continua pertencendo ao Pontífice, ao passo que o *cadaver* é a parte deixada ao chefe civil. O Papa é pois ainda muito amado e sel-o-á sempre, e este amor deu origem a disturbios em Roma, por occasião da peregrinação dos operarios francezes. No Pantheon, onde jazem os

restos de Victor Manuel, *alguem* foi escrever no livro dos visitantes as palavras seguintes: «Viva o Papa!» Esta simples phrase irritou os impios, como se uma vibora lhes mordesse o calcanhar, e um papel anonymo foi logo espalhado, incitando à desordem.

Houve gritos, insultos, improperios, pancadas e prisões. As ruas da cidade transformaram-se no scenario de violentas manifestações, feitas por gente sem lei nem patria, não por italianos, pois, como disse Monsenhor Tedeschi, «o nome de italiano não convém aos que fazem guerra encarnçada ao Vigario de Jesus Christo; esses taes pertencem à maçonaria, à tropa de Satanaz, a essa sociedade sem coração, sem alma, sem patria, empenhada em extinguir por uma vez o pontificado romano.»

Certo que o Papa não é livre, pois, segundo a expressão de S. Sanctidade, «não é liberdade aquella que outrem pode conceder ou retirar conforme lhe apraz.»

Uma vez mais fará o Soberano Pontífice notificar aos soberanos a escravidão em que se encontra.

Agora se confirma a ingerencia das lojas em tudo isto. Em Paris fôra decretado um esforço supremo contra o clericalismo, e o papel distribuido em Roma depois do incidente do Pantheon *havia sido impresso antecipadamente!* Em fim, o pé do diabo a descobrir-se por toda a parte.

O que vemos porém é crescer, crescer d'hora para hora a sanha dos inimigos de Deus contra o seu Vigario e aquelles que o amam e lhe obedecem. Os irredentistas, ao chegar o momento de soltarem os diques a seus odios, ulularam selvagemmente contra tudo o que seja christão. Roma, Livourne, Bolonha, Palermo, Macerata, Florença e Pisa, presencaram o escandalo de reuniões acintosas, onde se gritava: *Morra o Papa! morra a França! Morra aos padres!*

Esta disposição de animos persagiannos, talvez para breve, perturbações de seria gravidade.

Os peregrinos francezes mereceram de S. Sanctidade affectuosissimas despedidas.

O Pantheon foi interdito pelo Pontífice.

O rei Humberto havia telegraphado ao syndico de Roma nos termos seguintes: «Maguado como filho, e activo como italiano, associo-me ás manifestações patrioticas do povo de Roma.» Humberto deu provas de excellente filho: as palavras «Viva o Papa» no tumulto de Victor Manuel perturbaram o repouso do real extinto. Entretanto o *Osservatore Romano* afirma terem sido muita vez lançadas no livro dos visitantes phrases verdadeiramente inju-

rias contra o «grande rei;» terem-se arrancado folhas inteiras pelas indignidades n'ellas escriptas; mas como os auctores eram demagogos, davam-se-lhes todas as permissões, agora a simples *attribuição* d'uma phrase innocente a um clerical suscita uma revolta e enche de brios o rei piemontez.

Tudo isto... simplesmente miseravel.

* * *

França.—Os successos de Roma foram um lance de fortuna para o ministro Fallières, que, como os seus collegas, via zangadamente as manifestações da vida christã, reveladas em tantos actos excepcionaes do bom povo francez, culminados agora por um prodigio inesperado—o de se aggreuiarem VINTE MIL operarios, n'uma romagem aos pés do Pontífice romano. Isto, para os algozes do catholicismo, era um pesadelo impossivel de tolerar-se.

Dahi, a carta do ministro dos cultos, aos membros do episcopado, prohibindo-lhes que tomem parte nas peregrinações.

Por outro lado, a cidade de Nice levanta uma estatua a Garibaldi, o energumeno adversario da Igreja, e no acto da inauguração uma voz official tece o epinicio da façanha piemontez na derrocada da Porta Pia! A este mesmo tempo, os discolos italianos cobriam de improperios o nome francez, improperios urbanamente agradecidos pela camarilha de Mr. Carnot.—«Será mêdo?»—perguntava um publicista. Não, não é mêdo; é que superior aos governos *ha ainda outro governo*, governo occulto, cujas vontades se tem de acatar.

Noticias

Nova encyclica.—Não ha que chamar a atenção para este notavel documento pontificio. Tudo quanto emana d'aquelle oraculo indefectivel do Vaticano impõe-se de tal sorte ao estudo, à devoção, à piedade dos fieis, que é insultal-os apontar-lhes o valor. Ha mais: as palavras profundamente sabias e sanctas do actual Pontífice encerram tal condão, que não sòmente as recebem anceosa e consoladamente os bons filhos da Igreja catholica, mas tornam-se ainda objecto de subida consideração para os que só vêem em S. Sanctidade o chefe de uma aggreuição de crentes. A Encyclica, pelo quadro que nos apresenta dos males contemporaneos, que bem cumpre conhecer para mais de prompto se remediarem, pelo remedio infallivel que para elles indica, pelo fervor ateado nos corações para com a divina Co-redemptora, merece enumerar-se entre as melhores produções do immortal Leão XIII.

Os leitores, ao percorrel-a, sentirão a alma deliciada, porque a densedentam as torrentes de verdade, contidas n'aquellas palavras de vida emanadas da inspiração celestial.

* * *

Partida de Missionarios.—A *Nação* diz que no paquete que seguiu no dia 6 para Angola foram 3 Missionarios e 3 Irmãos da Missão. Aquelles eram um alsaciano e dois francezes. Os 3 Irmãos são portuguezes sahidos da Escola agricola colonial de Cintra. Foram destinados 2 Irmãos para a Missão de Landana, a qual tem uma já bem de-involvida filial em Cuali, o ponto onde se tocam os tres estados limitrophes, França, Portugal e Estado Livre do Congo. Os 2 Irmãos vão concorrer para a fundação de uma outra filial no encravamento portuguez.

A missão de Landana nada custa ao governo e é uma obra esplendida já nós dissemos, que 12 rapazes indigenas, educados n'ella, carpiuteiros, pedreiros, ferreiros etc. foram auxiliar as construções da Missão de Malange.

Para a Missão de Caconda foram 2 padres. O chefe d'esta Missão e das suas futuras filiaes é o intrepido e incançavel Padre Leconte que se acha em Caconda já de volta do Bihé, onde se obrigou a estabelecer uma filial. Tambem o mesmo Padre é hoje o director da Missão de Cassinga enquanto o *Rv.º* Padre Schaller estiver pela Europa.

Para a Missão de Huilla e Jau, sua filial, vae um padre e um Irmão.

Todas estas Missões fazem honra à Igreja e a Portugal.

* * *

Missões no Funchal.—Foram muitissimo apreciados os exercicios espirituales para o Clero da Madeira, dirigidos este anno pelos *Rv.ºs* Padres da Companhia Thomaz Vitale e Borges Grainha. Tomaram parte na 1.ª serie 22, e na segunda 28 ecclesiasticos, portanto mais de metade do Clero Madeirense. São incançaveis estes operarios privilegiados na vinha do Senhor. Fóra d'estes exercicios do Clero prégarum com bastante fructo quatro missões nas freguezias de Bjaventura, Ponta Delgada, S. Vicente e Seixal, um triduo na freguezia de S. Antonio, e um retiro edificantissimo para mais de 250 filhas de Maria no Funchal. Actualmente se acham missionando na villa de Machico, e espera se outra missão na freguezia de S. Roque, assim como o retiro dos Seminaristas, dos membros da Conferencia de S. Vicente de Paulo etc.

Que Nosso Senhor seja a recompensa de tão illustres, bondosos e infatiga-

veis trabalhadores, como tambem d'um tam amado Prelado, a quem se deve a sua estada na Madeira!

* * *

Nova igreja.—Diz o *Commercio do M:inho*, de Braga:

«Foram inauguradas as obras d'uma egrja, que os religiosos do Varatojo vão mandar construir na sua quinta de Montariol, suburbios d'esta cidade.

Foi benzida e lançada a primeira pedra pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz, com a solemnidade que determina o Pontifical Romano, sendo acolitado pelos revd.^{mos} snrs. conego Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, e desembargador João Nepomuceno Pimenta, vice-reitor do Seminario.

Era presbytero assistente o revd.^{mo} conego Domingos Moreira Guimarães e ministro do baculo Mgr. Figueiredo Campos.

Serviu de mestre de ceremonias o revd.^{mo} sr. João Vicente da Costa e Cunha, abbade da Sé.

Honrou esta solemnidade com a sua presença o sr. conselheiro Jeronymo Pimentel, governador civil d'este districto.

Não obstante não ter sido previamente annunciada a solemnidade, correu a ella um crescido numero de pessoas.

*

A nova igreja fica ao norte da casa dos varatojanos, com a frente para o poente.

Tem as dimensões do templo do Seminario, sendo a capella-mór mais ampla do que a d'esta egrja.»

* * *

Peccado dos eleitores.—O theatro de S. Carlos, um foco persistente de demoralisação, é subsidiado annualmente pelo governo portuguez com a quantia de 25 contos! Veiu ultimamente á discussão da imprensa a gorda falcatura do governo, que sem auctorisação alguma, dispendia na illuminação d'aquella casa 30 contos cada anno! *Proh pudor!* Destroem-se egrjas, e sustentam-se theatros á custa do povo, d'um povo genuinamente catholico, embora muita vez desvairado por uns perfidos Messias.

Teem culpa n'isto os votantes? Sim.

Teem maior culpa os influentes? Sim.

E maior ainda sendo padres? Sim.

A opinião de Monsenhor Favá, exarada no seu cathecismo politico, ensinada na catechese parochial, viram na os leitores na pag. 181 d'esta Revista. Liriam agora a do illustre Cardeal Place:

«—Como obteremos ser governados christãmente?

—Obteremos ser governados christãmente VOTANDO NAS ELEIÇÕES POR

HOMENS RESOLVIDOS A DEFENDER OS INTERESSES DA RELIGIÃO E DA SOCIEDADE.

—E' dever votar nas eleições?

—Sem duvida; é um dever votar nas eleições.

—E' peccado votar mal nas eleições?

—Sim, é peccado votar mal nas eleições.

—Que é votar mal nas eleições?

—E' votar por homens que não estejam resolvidos a defender os interesses da religião e da sociedade.

—Porque é peccado votar mal nas eleições?

—Porque se fica responsavel do mal committido por aquelle em quem se vota.»

E' para nós um lucto enorme vermos que nem mesmo o clero tem ponderado a importancia do voto, o qual tem sido arma perigosissima, posta nas mãos de quem não soube ou não quiz saber manejar a, dando em resultado ter servido apenas para ruina da patria como um revólver nas mãos da creança que dêsse estouvadamente a morte a sua mãe.

Meditem os que ainda conservam uns restos de consciencia o meio de indemnizar os damnos de que tem sido causa.

Ainda se o mal se limitasse apenas aos 55 contos annuaes de S. Carlos!..

* * *

Os Jesuitas e a sciencia.—No congresso de orientalistas, de Londres, a maior parte do trabalho e da honra pertenceu a ecclesiasticos, e principalmente a Jesuitas. Monsenhor Lamy professor de Lovaina, apresentou o itinerario e relatorio de viagem dos monges nestorianos desde Pekin á Terra Sancta, pela China, Mongolia, Turquetan, Khanato de Khiva e Persia. Os membros do Congresso instaram com os Padres da Companhia para que exponham, perante os sabios, os thesouros litterarios e scientificos que guardam relativos ao Oriente, e como a Companhia redige actualmente varias Revistas e publicações historicas, é de crêr attenda a este honroso convite.

* * *

Boulanger.—Foi reflectir-se na Blica o tiro com que em Valparaiso terminou sua existencia o malaventurado Balmaceda. O general Boulanger, celebrado ainda ha pouco nas trovas populares dos parizienses, não resistindo a uma satanica suggestão, foi ao cemiterio de Ixelles, em Bruxellas, e sobre o tumulo de M.^{mo} Bonnemain, que fôra sua amante, atravessou o cerebro com uma bala de revólver!

Lastimoso surgir no limiar da eternidade!

Boulanger deixou mulher e uma filha, de quem vivia separado, e a mãe decrepita, na idade de 82 annos, que se vê oppressa de dôr inexprimivel.

Triste fim de seculo! o anterior acabou entre as iras de assassinos, o actual expira com o baque sinistro dos suicidas!

De Boulanger, tenente d'Africa, capitão da Cochinchina, director de Saint-Cyr, coronel em 1870, general em 1880, ministro da guerra em 82 e 86 duellista contra Larénty, Julio Ferry e Floquet, agitador constante e chefe de partido ruidoso em 87 e 88, condemnado em 89, que resta hoje senão te-nue commemoração da imprensa periodica de que poucos se lembrarão amanhã!

E entretanto, aquelle homem tinha uma alma, remida pelo sangue de Christo, julgada hoje e sentenciada n'aquelle augustissimo tribunal, onde não entra sombra de erro nem valem peitas fundadas na injustiça!

Outubro—14.

F.

VARIÉDADES

Sancta Catharina

(Continuação do n.º antecedente)

II

NUM aprazivel dia de verão do anno de 307, ia grande agitação no sumptuoso palacio de Catharina, situado nas margens do lago Mariotis.

Nos vestibulos, ornados de estatuas e vasos elegantes, com flores variiegadas e vistosas, rescendendo perfumes inebriantes, iam e vinham os numerosos criados, falando desconcertadamente e soltando exclamações violentas e gritos de colera. As mulheres, de rosto escondido no véo, choravam em commovedora angustia; negros da Nubia, de langas mosqueadas, collares de jade, braceletes de cobre e diademas de plumas, assistiam indifferentes a este insolito rumor.

Nos espaçosos salões, pavimentados a mosaico e guarnecidos de pinturas, com leitos e mesas de madeira dourada em fôrmas caprichosas, matronas e viuvas, das familias mais illustres, passeavam lamentosas, deixando após si as longas caudas de suas vestes roçagantes.

Nas suas descuidosas distrações, alegres creanças entrelinham-se pelos terraços, ciugidos de balastradas de basalto preto, ligados por amplos degraus, com polaes enormes ladeados de

shinges, em attitude hieratica, e columnatas de granito rosa, trazidas das ruínas de Heliopolis.

Dos aposentos abriam-se grandes janelas, patenteando esses terraços magestosos, em taboleiros sobrepostos, onde as romanzeiras e os limoeiros floresciam em urnas gigantes de bronze e mármore, sombreadas por euredicas exóticas penduradas em elegantes sustentáculos. Em baixo, dilatavam-se jardins extensos plantados de sycómoros, lentiscos e palmeiras.

O sol, nascido ha pouco, abrazia o ambiente com seus raios de fogo, e o céu, d'uma pureza maravilhosa e um azul tam profundo e limpo, mal consentia se lhe contemplasse o brilho.

Soára a segunda hora do dia, e Catharina, contra o costume, não havia deixado ainda os seus aposentos particulares, onde vivia n'uma solidão austera, acompanhada apenas de suas aias antigas escravas a quem dera a liberdade, porque não queria nem intendia que um christão soffresse a escravidão exposto a ser comprado e vendido.

Mas como redobravam os suspiros, os murmurios e clamores, e insolito sussurro echoava n'essa casa, de ordinario tam calma e sosegada, não podia prolongar-se o tempo sem que ella apparecesse.

As matronas e viúvas, suas parentas ou amigas, esperavam-na anceadamente, e mais que uma vez se tinham adeantado até ao peristilo d'um pavilhão de estylo grego, ornado de columnas corinthias, cuja porta de bronze encrustado de ouro e prata, quasi desaparecia sob uma larga colgadura de fino e lustroso damasco syrio.

Emfim, um dos barbaros que guardava aquella porta, vestido com libré de lã açafroada coberta de bordados, ergueu o reposteiro, e ao longe, no *atticum*, onde um *velum* de purpura coava os raios da luz, appareceu Catharina, a sair dos aposentos, seguida por donzellas vestidas de branco, e coroadas com as flores estrelladas dos narcisos.

A esbelta patricia avançava lentamente, n'uma attitude cheia de dignidade e modestia. O rosto, em oval alongada, um typo correcto da belleza egypcia, illuminava-se do olhar limpo despedido por uns olhos pretos, graciosamente fendidos.

A côr branca, d'essa apreciavel alvura da cera illuminada por um pallido reflexo de rosa, realça-lhe a linha pura e delicada dos labios vivamente purpuros.

Nos cabellos pretos, amanhados caprichosamente à moda da rainha Cleópatra, assentava graciosamente um diadema de ouro e pedrarias, encimado

por uma cruz, symbolo da redempção e emblema da fé christã.

Um véo de gaze preto, constellado de estrellinhas de prata, cobria o diadema e descia corpo abaixo, envolvendo o d'uma nuvem transparente. O vestido, de lã finissima violeta escuro, soltava reflexos de ametista e ostentava as delicadezas do bordado, tecido em palmas d'ouro que se desdobravam em folhas brilhantes a espelharem se no pavimento de onix.

Pen lia-lhe da espádoa uma dupla faixa branca, toda bordada de hieroglyphos, e ornava-lhe o collo um peitoral coberto de saphyras e perolas pretas.

As vestes, de longas pregas, debaixo do véo de gaze recamado de estrellas, augmentavam a estatura da joven princeza e davam-lhe um aspecto de fascinadora magestade.

Tanto que a viram, parentas e amigas correram lhe ao encontro, a dar lhe a saudação, ao passo que os servos e as servas dobravam o joelho segundo o costume oriental.

—Levantai-vos, disse de modo reprehensivo. Vezes de mais vos tenho dicto que não quero se ajoelhem deante de mim... Minhas irmãs, proseguiu, falando ás amigas, eu vos saúdo em Nosso Senhor... Mas que tendes? vejo-vos lagrimas... D'onde vem pois essas perturbações? alguma desgraça vós surge imminente?

Soltando taes expressões, a despeito da commoção que a agitava, Catharina apresentava-se serena, falando com voz doce e sonora.

Iam responder-lhe as contristadas amigas, quando o som d'uma trombeta feriu os ares e do fundo dos vestibulos se viu avançar um centurião, armado de espada, capacete e laticlava.

Chamou a dama pelo nomenclador e com modo sereno ordenou lhe:

—Dize áquelle homem que lhe prohibo adeantar se mais. E vós, minhas irmãs, vinde; vamos perguntar que mensagem traz quem se atreve assim a transpor o limiar da minha habitação.

Quando o centurião, que obediente esperava no meio d'uma sala encostado à concha d'uma fonte, se viu em presença de Catharina, inclinou-se respeitoso.

—Quem és, interrogou ella, e que missão vens desempenhar em minha casa?

—Eu sou, nobre dama, o centurião Porphyrio; venho a teus paços, mandado pelo imperador Maximino, a notificar-te o edicto publicado ha pouco.

—E o edicto qual é, obtemperou Catharina, sempre tranquilla e serena.

Porphyrio desinrolou o papyro que trazia na mão e leu em voz alta:

«Saude a todos os que vivem debaixo de nosso governo.

«Tendo recebido um singular beneficio da clemencia dos deuses, decretamos patentear-lhes nosso reconhecimento por meio de sacrificios.

«Eis porque vos exhortamos a vir juncto de nossa pessoa testemunhar vosso zelo para com as nossas divindades. Se alguém desprezar esta ordem, será castigado com o rigor que merece.»

Houve um momento de grave silencio.

—E' pois esta, irmãs, a causa da vossa tristeza? Mas, continuou Catharina, ignoreis por ventura a perseguição premeditada por Maximino?

Uma das circumstantes respondeu:

—Por toda a cidade passam touros e cordeiros destinados ao holocausto.

—E vê, additou outra, já o ar está escurecido pelo fumo das pyras do sacrificio.

—Pois bem, inquiriu Catharina, onde está o imperador?

—No templo de Serapis, replicou com respeito o centurião.

—Nomenclador, manda preparar uma liteira. Os creados que se dispõem a acompanhar-me. Ah! o imperador quer-me em sua presença? pois vamos, mas para fazer-lhe ouvir o que aborrecem os principes: a verdade.

III

No topo d'uma montanha artificial, formada por terraços successivamente sobrepostos, como uma pyramide cyclopica, elevava-se no arrebalde de Rachtis, não longe dos magestosos palacios dos Ptoloméos, o *Serapeum*, ou templo de Serapis, o Phebo egypcio, onde os raios solares, por uma abertura praticada na abobada, illuminavam, desde a aurora ao crepusculo, uma estatua de dimensões colossaes.

Cada um d'aquelles terraços, vestidos de arbustos das regiões equatorias, recordavam os maravilhosos jardins suspensos de Semiramis. E desde a base ao cume, um exercito, um povo de idolos, tallados no granito, no mármore ou no jaspe, colados em metaes preciosos, faziam cortejo ao deus, trazido de Sinope pelos Ptoloméos.

Via-se alli, sob columnatas de granito côr de rosa, de capiteis de flor de loto, Isis, tendo nos joelhos o filho Horus, Tu Oer com gryphos de leão, a deusa Bout rodeada de musaranhos, Chnouphis, Chous, Anabis, Thot, O-iris, Rui, Pilita, o deus do fogo e o boi Apis.

D'onde a onde, ardiam resinas odoríferas sobre tripeças de bronze, e grupos de escravos da Nubia, envolvidos em *calasiris* de gaze, agitavam leques enormes feitos de pennas d'abestruz, pavão ou caçar.

Sob a aprazível sombra dos jardins,

passeavam sacerdotes, de longas vestes brancas e amarellas, mitras massiças, peitoraes de lapis-lazuli, engastados d'ouro; levitas, carregavam cestos elegantes onde se via toda a casta de fructas; meninos empunhavam ramos de myrtho ou balouçavam grinaldas de rosas, em tanto que damas innumeradas ostentavam o diadema onde, em oiro, se contorcía a vibora symbolica de que pendiam largas fitas de purpura.

A nobre Catharina, perpassando a cidade, transportada por oito ethiopes coirassados de prata, na sua liteira toda revestida de plumas de lophophoro, viu por toda a parte o povo afadigado no cumprimento das ordens imperiaes. Do delta do Nilo, dos confins do deserto, das cidades arruinadas que margina o rio, era um affluir incomparavel de povos, anceosos de assistir aos sacrificios: incitava-os a carne que lhes tocava das victimas e os licores fermentados que corriam das fontes publicas.

Aqui e alli, dava a escolta de Catharina, engrossada com toda a creadagem, com enormes fogueiras de teca e sandalo, onde afanosamente eram assados touros, leões, pantheras e hippopotamos.

No meio da praça jaziam os cadaveres de cem elephantes, esartejados a golpes de machado, cujas defesas, amontoadas, um verdadeiro thesouro, estavam guardadas por soldados vestidos de laminas de bronze.

Fluia o sangue de todas as partes, humectando o pó e a aréa, com que formava uma lama nauseabunda, que em salpicos ia manchar indelevelmente, nas casas proximas, os emblemas e hieroglyphos, que as adornavam. O jardins publicos, destroçados, serviam de acampamento aos nómadas vinhos dos planaltos africanos. Por toda a parte, a devastação, a rapina, a desordem. Confusamente, ouvia-se o berrar e mugir das victimas com o vociferar dos sacrificadores. Horrivel, odioso espectáculo!

Por vezes, mandou Catharina parar a liteira para reprehender taes carneiros e alentar os christãos obrigados a presenciar estas ignobeis saturnaes. E por serena que tentou mostrar-se deante d'estas scenas de abominação,

deu livre curso a sua justa ira, soltou palavras de tam sentida amargura, que ao avizinhar se do Serapeum o seu rosto a inflammado em colera.

Alli, exigiu que seus amigos a esperassem, e pretendeu, acompanhada só de duas servas, chegar á presença de Maximino. Enviou porém adiante o seu nomenclador para a annunciar, e coube a Porphyrio, o centurião, ser quem a acompanhasse ao templo.

Queriam os sacerdotes de Serapis impedir-lhe a passagem, mas em face de seu aspecto imponente e magestoso, tiveram que recuar sem proferir ao menos uma palavra.

Catharina atravessou o vestibulo, amplo como uma basilica, e foi emfim levada juncto do imperador, que n'um leito de purpura continuo a uma mesa d'ouro se regalava devorando grosseiras viandas. Seus aulicos e libertos, separados d'elle por uma balaustrada, contemplavam em silencio este singular gastronomo, cuja bestial figura parecia mais horrivel sob o regio diadema de pedrarias.

Em presença d'esta donzella, tam elegante com seus vestidos pretos, que sem pallor nem susto stava o senhor do mundo, o thracio indireitou-se, turgente de irritação, repelliu com um pé a mesa que rolou sobre o tapete, e interrogou com violencia:

—Quem és tu?

—Um dos teus officiaes, Augusto, foi notificar-me o teu edicto.

—Pois bem; cumpre-o e vai te.

—Não o cumprirei nem me ausentarei sem te conjurar, Augusto, a abrogação d'um edicto que opprime a nossa liberdade e é um insulto a Deus.

—Ah! repontou o imperador com vellellico sorriso, tu és christã?

—Sou... e não ha mais que um Deus; tu o sabes e insulta-o. Tem cuidado comtigo, Augusto, não se vá Elle vingar tirando te o sceptro e a vida!...

—Ousada!...

—Não. Animosa, dirás. Suppõs sejam deuses esses monstros que encontrarei ao atravessar teus jardins, essas disforms e ridiculas figuras?... Tu não crês isso. Ha só um Ser supremo, primeiro principio e Creador de todas as coisas.

—Eh! Eh! Eh!... volveu o imperador. é o que falta provar.

—Nada mais facil.

—Vens divertida, mulher; encontras-me pois de feição para soffrer-te. Has de ficar a saber as blasphemias que proferes. Venha um sacerdote para disputar com esta creança.

Catharina sentiu uma inspiração do céo.

—E' pouco um só, Augusto, obtemperou com firmeza e serenidade. Presentes estou para a discussão, mas quero competidores dignos de mim.

—Presumpçosa!...

—O meu Senhor Jesus dar-me á a eloquencia, e se eu demonstrar que os teus sophistas não são mais que uns mentirosos e impustores, e os teus deuses a personificação dos mais execraveis vicios, deixarás tranquilos os christãos, a cujo numero eu pertenco?

—O alumno menos qualificado dos meus philosophos bastará para te confundir, mulher pretenciosa! Dá-me para rir, e vai ser interessante a comedia d'uma patricia nas mãos dos sabios. O!á! gritou Maximino, batendo com a bainha da espada n'uma lamina de bronze, olá! chamem aqui os philosophos, os sabios e os eloquentes para serem vencidos pela amavel palavra e os olhares encantadores de Catharina.

—Não gracejes, Augusto. A minha sciencia vem de Deus, e a elle se ha de referir toda a honra, a elle Senhor soberano de todas as coisas.

—Vais ter por tribunal cincoenta dos meus illustres. Isso... são coisas que ignoro. Pastor, sinto que hoje a purpura me pesa mais que o vélo de carneiro que me cobriu na adolescencia... Assenta-te Catharina, e espera.

—Aqui!... Jamais, exclamou a joven com voz indignada... em presença dos idolos! n'este logar manchado pelos demonios! Supplico-te permittas que esta assembléa se congregue em teu palacio, e a augusta imperatriz, tua esposa...

—Seja! clamou irado Maximino. Volta ao cair da tarde. E por agora vai-te! E n'um áparte proseguiu: Tenho fome e sede, e parece-me que vergonha tambem...

(Continúa)

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12200 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO — NEGRELLOS. Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.